



Por: Paulo Lacerda  
paulosd@centroin.com.br

## CONVERSA COM O AUTOR

Quando se necessita um bom motivo para escrever ou falar, nada como o relax de olhos fechados. O pensamento corre á toa. Podemos ao exemplo, lembrar a mística Praça Djemaa El Fna em Marrakech. Marrocos, terra dos Bérberes, beduínos de descendência árabe, muçulmanos de varias origens. País de enorme riqueza cultural, ainda em moda para se passar um tempo e conhecer o exotismo romântico da África do Norte ostentando seus vistosos djellabas e kiftans. Mil barracas com tudo que se pode vender e comprar: usado, novo e muito usado. Um colorido perdido nos feixes de algodão dependurados sobre as ruas. No chão tem tudo. Seringas usadas; agulhas; botões; pedaços de brinquedos; xícaras e bules; roupas velhas e um sem fim mercado árabe. Até carneiros amarrados em paus enterrados. Um vozario intenso com o realçar de pechinchas, ofertas e gritos de insatisfação. Xingamentos pelo preço cobrado. Ida e volta na certeza que vai baixar. Valem palavrões que não

se entende. Perto a Koutoubia, minarete da Mesquita, toca a Hora da Oração. Do hotel Mamounia saem ocidentais extasiados como se fossem para uma nova Pangeia. Sentados no segundo andar em um dos cafés da praça, um grupo, bebe cerveja belga e olha o espetáculo natural da vida mais que mil anos. Embaixo, aonde álcool não entra, crianças sentadas de pernas cruzadas, turbante na cabeça rindo e gritando a toda hora. Fecham circulo com ancião de barba pontiaguda grisalha, que gesticula sincronizado com o balancear da cabeça. Se olhar bem são grupos distintos. Quem cruza abaixa a cabeça respeitosamente. Não estão cantando o Corão. Estão a ouvir as historias de suas vidas. É aqui o denominado patrimônio oral da humanidade. Lugar de "storytelling". O nascer de um povo e a sobrevivência relacionada. Admirados, como santos, estão ali todos os dias para narrarem lembranças passadas e antecipar o que pode vir. SAO OS CONTADORES DE HISTÓRIA, virtuais escritores deste povo. Doam Raiz, indicando o que se fazer da vida que Deus deu ao homem. Começam sem bibliotecas ou papel, para manter a memória. São mais fortes que as crônicas de hoje consideradas anexos da vida efêmera com textos em geral descuidados, escritos a pressa.

No Ocidente existem infinitos falantes. Épocas de um Esopo, La

Fontaine, Monteiro Lobato, Irmãos Grimm, Gregos, Escandinavos e mil outros, os quais a seu modo foram, são e serão eternos contadores de historias.

Vale construir uma roda parecida para se ouvir e repetir histórias. Para continuarem a existir como memórias, lembranças, lendas, folclore ou momentos inventados. Poderíamos exemplificar os momentos passados na Pirâmide de Keops, espreitados pela Esfinge, subindo as pedras proibidas até o topo ou engatinhar no túnel sufocante até o Templo Mortuário. Ficar de castigo, perdido no deserto de Saara, cercado por tuaregs e, muito medo. Caminhar na cratera ativa dos vulcões Lassen, Vesúvio, e Solfatara.

Trabalhos apaixonantes na selva da Belém – Brasília e Rondônia. Subir as escarpas do Canyon de Zion seguido por uma Condor da Califórnia, com olhos aguçados espreitadores de carniça. Ver as danças dos "Humorous Kachina Clowns". Não esquecer o apertar a mão do Papa João Paulo II no Vaticano; o visitar a Basílica do Santo Sepulcro; falar no oeste do Muro de Herodes, ou beber a água da Gruta- oratório de Nossa Senhora de Éfeso, (Theotokos). Sem poder ir á Al-Aqsa, entrar na Mesquita permitida, meditar com monges na Tailândia e lembrar a guerra de Suez. A novidade da época como o andar de lambreta nas praias da ilha de N'gor, Dakar, Senegal. O ver o brilho do sol de meia noite no Fjord de Stavanger. Sentir o café Vianense em qualquer Café de Viena, se preferir, o Kandinsky. Ouvir em Palma de Mallorca, na escuridão das Cuevas de Drach, velas flamejantes na 9ª Sinfonia de um surdo Beethoven. E lembrar vida dos amigos que nunca desaparecem.

Um caminho de escritor junto ao ancião marroquino para manter viva a memória do Homem. Acrescentando cantigas que babás e vovós contam.

Se pudermos, leitor amigo, colocarmos sua contribuição, seu narrar, no

meio da conversa. Você precisa aparecer. Aparecer em uma das reuniões e organizar as suas, seja ou não um escritor. Use suas lembranças e seus escritos quaisquer e faça o mesmo: Fácil? Basta um numero limitado de apreciadores de cada vez. Até 30 pode se dizer. Um convite marcado é pré "vendido" para um apreciado e simples bufe. Com o espumante branco para passar o tempo e molhar o falatório. Marca o tempo de 1 ou 2 horas.

O livro se recebe no dia ou um pouco antes. Daí em diante é encher os minutos com o papo dirigido para motivar o encontro. Encontro que serve ao conteúdo do livro e das nossas vidas em geral. Se aparecer mais gente, deixe para uma nova reunião. Ai sim estamos vitoriosos na fantasia da vida. Ou ao futuro. Poderemos então comemorar e saudar a felicidade com o cognitivo Premio Nobel Daniel Kahneman (O do Eu da experiência e o Eu das lembranças) e incentivar o Venter e a USD aqui pertinho, na nossa Califórnia, em sua vida nova ARTIFICIAL. Aguardamos seres com a maior dignidade possível.

Para mim, uma vez, tudo renasceu no Landbrazil da Vania e Marcelo em Los Angeles e, no BPT, Sandiego do Jaro, nos anos de 1998. Agora uma passagem pelo Rio de Janeiro.

Almejo um dia reunir amigos e parentes para contarmos o nosso viver rápido com o peso do momento existente. Vamos mostrar um novo livro, atualizado. Vamos tentar o "pocket-talking" para reunir amigos nas diversas áreas. Neste papo, muito pode ser revelado e muito escondido. Será uma reunião incentivadora para que muitos a repitam alhures como ouvintes e debatedores conhecidos.

Ficam estas linhas como incentivo aos leitores para organizarem seus pocket talking, estejam onde estiverem e sobre o que puderem.